

SUBMUNDO E DESUMANIZAÇÃO DO SUJEITO EM *ENTRE RINHAS DE CACHORROS E PORCOS ABATIDOS*, DE ANA PAULA MAIA

Ana Paula Teixeira Porto

Universidade Regional Integrada
do Alto Uruguai e das Missões /Frederico Westphalen

Resumo: Este artigo apresenta reflexões sobre a novela «Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos», escrita por Ana Paula Maia e publicada no livro de título homônimo em 2009. O intuito desse trabalho é discutir a construção do submundo e da desumanização dos sujeitos no texto da escritora. Na perspectiva da Sociologia da Literatura, a pesquisa salienta a criticidade do texto e os recursos estéticos explorados para composição de uma visão realista da condição humana em contextos marginais.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Sujeito; Ana Paula Maia.

Abstract: This article presents some considerations on the novel «Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos», written by Ana Paula Maia and published in her book with the same title in 2009. Its purpose is to discuss the construction of the underworld and the dehumanization of the subjects in her text. From the perspective of Sociology of Literature, the research highlights the criticality of the work and the aesthetic resources exploited for composition of a realistic view of the human condition in marginal contexts.

Keywords : Contemporary literature; Subject; Ana Paula Maia.

Ana Paula Maia é apontada como “uma das mais importantes vozes da nova geração” (MORAIS, 2013) da literatura brasileira contemporânea não só pelos traços estéticos e temáticos que apresenta nas obras, como também pela receptividade positiva

da crítica especializada em literatura. Resende (2009), nas orelhas do terceiro romance da escritora - *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* -, salienta o “material absolutamente original” da obra, “capaz de provocar uma reflexão crítica estimulante”. Se pensarmos num viés comparatista entre autores contemporâneos a Ana Paula Maia, também chegaremos à conclusão de que seu texto traz uma nova perspectiva para o realismo em nossa literatura ao colocar em cena o homem trabalhador marginalizado que exerce tarefas as quais o inferiorizam socialmente, tornando-o um ser invisível. Ela constrói essa perspectiva num texto marcado pela dureza da linguagem, frieza no relato das situações perversas, muitas com toques singulares de violência, e que põe cruamente a nu espaços e sujeitos periféricos.

A notoriedade dada à obra literária de Ana Paula Maia pode ser explicada por diferentes razões, como: a participação da escritora em antologias de contos, o que permitiu uma maior visibilidade a sua produção, assim como se observa nas trajetórias de outros escritores jovens e de publicação intensa no século XXI, como Daniel Galera. Soma-se a essa presença intensa, a participação da autora em eventos literários do Brasil e do exterior de forma a estimular a circulação de seus textos, que também já receberam tradução para línguas estrangeiras. O diálogo que a escritora constrói com a mídia - já que escreve textos para ser publicados na internet, tem um *blog* próprio e investe na literatura *pulp* - é fator que contribui também para a divulgação da obra, ao mesmo tempo em que permite uma maior aproximação entre escritor e leitor.

Outra motivação para a aceitação dos textos da escritora pode estar atrelada às “influências” que ela mesma salienta como inspiração para seus textos: Dostoiévski, cinema de Tarantino, dos irmãos Cohen e Sergio Leone, leitura de obras filosóficas como os diálogos de Platão, Schopenhauer e textos de Nelson Rodrigues e de Campos de Carvalho. A mescla de tantas referências, vindas de produções artístico-culturais diversas, traz um efeito estético interessante aos textos de Ana Paula Maia.

A jovem escritora, que iniciou sua produção literária publicando contos e folhetins em *blogs*, oportuniza ao leitor narrativas que expõem fragilidades e descompasso da sociedade atual e incitam uma reflexão crítica sobre a contemporaneidade ao dar voz àqueles sujeitos marginalizados. Faz isso com tendência acentuada à exploração da brutalidade, do excesso e da violência num processo em que homens e animais sempre interagem, permitindo refletir sobre os limites da

humanização e da animalização. Além disso, para Garbero (2015: 2), “as personagens parecem atuar em favor do exagero, do limite distendido pela junção de gêneros como o *trash*, o *bang-bang* e o *pulp*, ao confirmarem a mescla entre o cômico e o trágico, que a violência é capaz de provocar com sua hiperexposição.”

No rol da produção ficcional da autora, salientam-se os romances *O Habitante das Falhas Subterrâneas* (2003), *A Guerra dos Bastardos* (2007), *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos* (2009)¹, *Carnaval Animal* (2011) e *De Gados e Homens* (2013), o folhetim visual *Desalma* (2015), além de contos publicados tanto em sites e revistas quanto em antologias. A escritora participou das antologias *25 Mulheres que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira* (2004), organizada por Luiz Ruffato, *Geração Zero Zero: fricções em rede* (2011), organizada por Nelson de Oliveira, e *O Livro Branco* (2012)², organizada por Henrique Rodrigues, nas quais os leitores também são convidados a refletir sobre a brutalidade humana a partir de textos curtos, porém densos.

Em *O Habitante das Falhas Subterrâneas*, Ana Paula Maia investe na construção de um personagem vitimado pela solidão e pelo uso de drogas, acenando para um mal-estar de vida desse sujeito que, mesmo tendo condições financeiras para se tratar, não encontra possibilidades de alterar seu *status quo*. Como o próprio título anuncia, de certa forma também sintetizando o que se vê nos demais romances da autora, “as personagens são criaturas infelizes, individualistas, que se comunicam de forma superficial, insatisfatória, tão rápida quanto as mudanças que se processam ao lócus da história” (FRIEDRICH; GOMES, 2010: 7).

Carvão Animal, livro que coloca os cremadores como ponto central nas histórias, é a terceira parte da trilogia *A Saga dos Brutos*, iniciada com *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos*, que narra a brutalidade de um personagem chamado Edgar Wilson para recuperar um rim doado, e a novela *O Trabalho Sujo dos Outros*, na qual catadores de lixo são o centro da história, exercendo funções subalternas.

A Guerra dos Bastardos (2007), *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos* (2009) e *Carvão Animal* (2011) são livros nos quais a escritora dá voz a sujeitos marginalizados que vivem um cotidiano cruel onde não há possibilidade de redenção.

¹ Esse livro é considerado o primeiro folhetim *pulp* da internet brasileira, publicado na rede em 2006 e em 2009, e em livro pela editora Record.

² Livro que reúne 19 contos inspirados em músicas dos Beatles.

Em *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos*, por exemplo, os personagens, funcionários de um frigorífico que abate suínos, têm uma vida paralela à dos animais, que, sem um horizonte promissor e com a vida marcada pelo “abate” do lócus sujo e periférico do frigorífico, são ainda “acostumados com o esquelético colchão e com a rala comida no prato”, tendo uma “identidade nacional clandestina” de “poucas forças para olhar para cima na busca de saída reparadora, epifânica e salvacionista” (BARBERENA, 2012: 20). Nessa obra, os personagens são personificados como sujeitos brutos no sentido da rudeza e da falta de formação e brutalizados pela vida em virtude de destinos mal sucedidos, como classifica o próprio narrador:

Erasmus Wagner é um brutamontes. Antes de coletar lixo, quebrou asfalto com uma britadeira durante seis horas por dia. Rachou mais de 30 quilômetros de asfalto debaixo de sol escaldante. [...] Quando se quebra asfalto, se recolhe lixo ou se desentope esgotos diariamente, seu cérebro passa a ser um órgão subnutrido. É difícil entender um detalhe a mais. Se interessar por alguma coisa fica um pouco mais difícil. (MAIA, 2009: 97-102).

Nas narrativas da escritora, a brutalidade dos personagens e de suas trajetórias associa-se a outros temas, na maioria das vezes não aprazíveis e que remetem à violência, à dor e à marginalização humanas. Esses enfoques parecem ser um dos fatores que determinam a produção narrativa de uma escritora que tem se destacado no contexto da produção literária brasileira recente, seja pela forma e temática dos textos, seja pela alternativa de publicação³.

No conjunto, essas configurações podem ser vistas como narrações de cenas cotidianas de uma sociedade contemporânea marcada pela correria do sujeito em busca da sobrevivência, mesmo que a custo do trabalho desleal ou de outrem, e por ações éticas e moralmente questionáveis, como o de furtar algo alheio, como se exemplifica neste excerto de *A Guerra dos Bastardos* em que Dimitri não sente qualquer pudor em se apropriar de dinheiro de uma senhora morta: “Sem os serviços prestados a Gisela, não poderia continuar pagando aquele aluguel. Consegui pegar R\$ 200,00 escondidos numa lata de goiabada. Ela não precisaria mais do dinheiro. Não senti culpa. Aliás, isso é coisa que quase nunca sinto” (MAIA, 2007: 142). Como saldo, os textos de Ana Paula Maia

³ Resende (2008) chama atenção para o fato de inicialmente os textos de Ana Paula Maia serem publicados em *blog*, pois, segundo a pesquisadora, a escritora não está preocupada diretamente com as políticas de editoras para tornar públicas as suas produções. Depois de publicar textos de romance em formato de folhetins em *blog*, a escritora também publicou livros impressos por editoras.

propõem ao leitor uma visão de sociedade problemática, conflituosa e repleta de sujeitos carentes de formação ética, valores apazíveis e amorosidade e, por isso, a brutalidade como ponto central que, em tese, sintetizaria tanto a configuração desses sujeitos quanto da sociedade em si.

Em todas as narrativas, parece também haver um traço distintivo: uma preferência por temas “subterrâneos”, ou seja, aqueles que, embora presentes no dia a dia, são ocultados de rodas de conversa, são ignorados pela sociedade em geral e pelo poder público. São ainda abordagens pouco comuns quando se pensa na escritura de autoria feminina, algo a que a própria escritora já fez referência em uma entrevista quando abordou os enfoques de suas histórias:

Escrevo sobre assuntos que me causam repulsa, indignação, medo e até horror. Dois aspectos são fundamentais quando escrevo. O primeiro é a relação difícil que tenho com o assunto e a outra é a visão mais política da sociedade sobre tal tema, e suas possíveis implicações. (MAIA apud BELON; FERREIRA, 2012: 152)

Os animais, presentes em boa parte dos textos da escritora, servem também para acentuar a desumanização do homem, pois, colocados em uma perspectiva paralela à da vida humana, fazem com que os homens sejam projetados num patamar de igualdade a eles. A recorrência a animais assume uma dupla função: “bestializar o homem e humanizar o animal”, destacam Antonio Belon e Bianca Ferreira (2012: 150). Ao fazer essa associação e focalizar temas não comuns para uma escritora, o texto de Ana Paula Maia, como ela mesma observa, “não é assim a coisa mais agradável de se ler” (MAIA apud BELON; FERREIRA, 2012: 151) dadas as temáticas selecionadas e o desconforto trazido ao leitor ao se deparar com enredos chocantes que expõem as fissuras de uma sociedade e as fragilidades dos sujeitos que nela coexistem.

No enredo da primeira novela de *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos*, Edgar Wilson e Gerson são os personagens principais. São abatedores de porcos. Trabalham diariamente no abate a sangue frio, com pauladas na cabeça dos animais, seguida de corte para venda de órgãos e carne. Quando não há porcos suficientes para a entrega da mercadoria encomendada, corpos humanos passam a ser objeto de comercialização. Exemplar dessa prática é o assassinato de Pedro, irmão de Gerson. Edgar Wilson o mata porque precisa realizar uma entrega e não dispõe da quantidade de porcos

necessária. Então, como solução para seu problema, resolve dar fim à vida do seu parente, valendo-se dos mesmos métodos de abate de porcos.

Edgar Wilson põe fim à vida de Pedro, sem questionar-se: age como se estivesse abatendo um animal, como destaca o narrador ao finalizar a cena:

Curioso que só ele, Edgar rasga Pedro ao meio, remove seus órgãos e fica admirado pelo seu peso. Pedro vale tanto quanto a maioria dos porcos, e suas tripas, bucho, bofe, compensaria a perda do outro porco. Um sujeito que engana pelas aparências. [...] Edgar Wilson admira-se em ter subestimado Pedro algum dia. Ele moeria os restos mortais no triturador junto com os ossos da saca e venderia para a fabricação de ração para cães. (MAIA, 2009: 28)

Gerson, que doara um de seus rins à própria irmã, resolve pedir o órgão de volta, pois está com problemas de saúde que lhe trazem dores e dificuldades de urinar. Ao fazer o pedido à irmã, esta não o atende e então é mais uma de suas vítimas: com ajuda de Edgar, ele dá socos na irmã até que ela fique desacordada e corta-lhe o abdômen para a retirada do órgão. Deixa a irmã no banheiro do apartamento para que o corpo seja devorado pelo seu cão de estimação e ainda questiona Edgar Wilson por precisar “marcar” onde deverá efetuar o corte: “--Eu preciso fazer uma marca em volta. Vê se acha algum troço que risque.//-- Mas pra quê, Edgar? Você abre corpos todos os dias e não precisa dessa frescura de riscar o bicho antes.” (MAIA, 2009: 37)

A fala de Gerson, no fragmento acima, exterioriza uma posição de sujeito desumanizado. Comparado a um porco, a mulher não precisa de “frescura”, pois nem mesmo aos porcos é dado esse cuidado. Há nessa perspectiva uma clara inferiorização da condição humana que pode ser explicada pela própria marginalidade em que todos vivem: a irmã, Gerson e Edgar. Trata-se de uma marginalidade que beira à exclusão, à luta selvagem pela sobrevivência, à aceitação da hostilidade sem qualquer questionamento e que elimina a possibilidade de ascensão social a qual permita sair de uma zona de bastardia. Convém salientar que os personagens assassinos brutais de pessoas e animais não traduzem uma “apologia à condição de criminosos. Se não há culpabilidade desses homens aqui figurados por suas ações, tampouco há piedade.” (PIETRANI, 2011: 119)

O que mais é possível entender sobre a constituição desses sujeitos? “Refugio humano”, expressão de Barberena (2012) para resumir uma visão crítica sobre a

produção narrativa de Ana Paula Maia, é uma caracterização adequada para se pensar também no espaço enquanto elemento narrativo e na constituição de sujeitos na literatura da escritora. Se por um lado “refugo” lembra-nos algo que se despreza por não atender a determinados padrões legitimados socialmente, por outro, associando-se ao adjetivo “humano”, leva-nos a imaginar que o desprezo, nessa ótica, está atrelado a pessoas, dignas, nesse ponto de vista, de serem descartadas, como um objeto qualquer.

Os “refugos humanos” ainda podem ser vistos como metáfora para explicitar a invisibilidade de sujeitos que, vivendo em um subúrbio qualquer e trabalhando em busca da sobrevivência, são acometidos por práticas de violência constante e levados a agir com frieza e desafeto. Ao mesmo tempo que praticam violência sem refletir sobre ela, como assassinar uma irmã para recuperar um rim doado, como o faz Gerson em “*Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*”, os personagens das narrativas da autora sofrem com a violência, pois são também vítimas de uma sociedade embrutecida.

A brutalização da sociedade é representada por diversos enfoques. O primeiro deles é a própria constituição dos personagens. Garbera (2015: 3) acentua que os ofícios dos personagens são inviabilizados de “reconhecimento e voz dentro de um sistema social regido por leis e punições. Fora da lei, esses ‘bastardos’ escandalizam com uma série de trabalhos que, ilegais, propõem uma leitura de nosso tempo.” A vida bruta a que se submetem, trabalhando arduamente para sobreviver, contando o dinheiro ganho com o suor do abate e não tendo lazer, acarreta a brutalidade das ações. Assim como a vida os “abate”, eles também abatem com a mesma objetividade outros, sejam porcos ou seres humanos.

Um segundo fator dessa brutalização é a aceitação da vida difícil, como mostra o narrador ao se referir a Edgar Wilson: “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos, Edgar não reclama da vida.” (MAIA, 2009: 16). A dureza da vida não é questionada, é aceita apesar de sua tragicidade. Não há esperança em dias vindouros porque o horizonte que esses indivíduos veem é o mesmo em que estão habituados a viver.

Nessa perspectiva, ainda é possível ver a naturalização da crueldade quando, por exemplo, Gerson e Edgar dão fim à vida de Marinéia, irmão de Gerson:

Marinéia é agarrada por Edgar Wilson, que mantém sua boca tapada. Ela esperneia e derruba o chiuaua, que com um latido agudo cai no chão enfiando-se velozmente debaixo da mesa. Gerson tira uma fita adesiva da mochila e rapidamente amordaça a irmã. [...] Edgar dá um trago de cerveja

e debruça-se sobre a banheira. Marinéia desperta, mas nada que um soco bem dado não resolvesse. Ele risca a área ao redor da cicatriz. [...] Pega o canivete e começa a cortar com força sua carne gordurosa e marcada de estrias.” (MAIA, 2009: 35-37).

Essa construção de um cenário e de sujeitos brutais é um traço singular da prosa da autora, que conclui: “A minha literatura é o espaço dos brutos”, em entrevista a Mauro Morais em 2013. Ao se referir a sua própria produção, Ana Paula Maia confirma essa caracterização especialmente por problematizar temas inquietantes (e até dolorosos e intragáveis a um leitor não acostumado a ler o submundo representado com um realismo patente), como: assassinatos a sangue frio, violência contra animais e homens, aplausos a rinhas de cachorros como espetáculo a ser celebrado, animais (porcos, especialmente) devorando corpos humanos, e por construir personagens por assim dizer “brutos” e de vida sofrível.

Com uma proposta de compor uma vida sub-humana nas periferias, “a ficção de Ana foge aos lugares instituídos e prontos cultural e literariamente à escritura de mulher, distanciando-se da atmosfera doce, meiga e delicada que, por vezes, tantas vezes, se convencionou atribuir à narrativa de autoria feminina.” (PIETRANI, 2012: 118). Ao relacionarmos essas ponderações à análise do espaço e dos personagens de “*Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*”, podemos partir de alguns questionamentos que ajudam a compreender o universo sombrio, doloroso e sobretudo instigador apresentado nas duas novelas desse livro. Esse universo já é apontado pela própria autora na “Apresentação” da obra quando adverte que as duas novelas literárias são “compostas de homens-bestas, que trabalham duro, sobrevivem com muito pouco, esperam o mínimo da vida” (MAIA, 2009: p.).

Esses “homens-bestas”, como Edgar Wilson e Gerson, personagens centrais da primeira novela de título homônimo ao da obra, são sujeitos cuja constituição incita-nos à reflexão. Que espaços habitam esses personagens? O que esses espaços dizem acerca da realidade ali representada? Que sujeitos vivem neles? Como são, que valores têm e que perspectivas de vida cultivam? Questões como essas ajudam-nos a compreender o submundo e a animalização do sujeito construídos com brutalidade e precisão pela escritora.

Em « *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* », tematiza-se a “rotina de homens absolutamente à margem do *status quo*. Habitantes de um subterrâneo social, as personagens principais recolhem o lixo, quebram o asfalto, desentopem o esgoto. Eles fazem o trabalho sujo que ninguém quer fazer” (BARBERENA, 2012: 2) e, dessa forma,

Ana Paula Maia traz à tona tramas urbanas subterrâneas que desembocam em verdades doentes e danificadas, ou, teoricamente, traumáticas e abjetas, protagonizadas por sujeitos desmetaforizados, vivendo em ocaso, que não podem ser reconstituídos, nem compreendidos, pela soma das partes, e sim pelo paroxismo de sua sobrevivência (NOGUEIRA; MORAES, 2012: 5)

É interessante observar a opção estética de Ana Paula para compor esse universo subalterno no qual vivem seus personagens. À brutalidade da vida associa-se a brutalidade da linguagem. Quanto aos traços formais do texto de Ana Paula Maia, chama atenção o uso de frases curtas, com pontuação cuidadosa e vocabulário preciso que fazem lembrar a dureza da palavra num processo de construção frasal já visto nos anos 30 do século XX com a narrativa de Graciliano Ramos, acentuando, na violência da linguagem, uma violência do contexto narrado. Ainda é possível ver no estilo da escritora uma continuidade das tendências que Schøllhammer (2009) aponta quando se refere aos traços da literatura contemporânea, como “o uso de formas breves, a adaptação de uma linguagem curta e fragmentária e o namoro com a crônica” (2009: 14-15), o que assinalaria uma continuidade – e não ruptura e originalidade – no tratamento linguístico dado ao texto pela artista.

Para Rosa Gens (2013: 37), a narrativa da escritora define-se formalmente pelo “discurso objetivo e cortante, a escolha lexical certa e a secura das imagens, que apontam para a violência”, o que pode justificar o estilo “bruto” da linguagem das narrativas da escritora. Ainda sobre os temas e a forma de escrever, Ana Paula Maia salienta que,

Quando se deseja criar um conjunto literário que trate de temas como violência, trabalho braçal, pobreza e principalmente as relações humanas em seu aspecto mais sombrio, é preciso ser macho e ter boa pontaria. Nunca me acovardo diante de nada, nem da folha em branco, nem dos temas que escrevo (MAIA apud BELON; FERREIRA, 2012: 151).

Ao construir personagens marginalizados, mas sem sensibilidade e vontade de alterar suas vidas com adoção de hábitos e trabalhos honestos, o romance de Ana Paula

Maia traz outra visão da marginalização, não contribuindo para uma espécie de vitimização desses sujeitos; pelo contrário, alerta para a contribuição efetiva desses personagens para a marginalização em que se encontram. Ana Paula Maia opta por mostrar uma espécie de “periferia” de valores que norteia esses personagens em todas as suas ações. Os personagens de Ana Paula Maia são protagonistas e fervorosos defensores de práticas que os marginalizam, procurando mantê-las, uma vez que não demonstram qualquer interesse em mudar seus modos de trabalho. Agem de forma consciente e sem culpa, sem camuflar suas ações ou procurar esconder seus objetivos que não são, em nenhum dos casos, livres de más intenções ou baseados em valores éticos.

Vistos sobre esse prisma, os personagens de “*Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*” dão continuidade, talvez com maior ênfase, à tipificação humana presente nas demais narrativas da escritora. Assim como nos outros romances e contos como “*Degados e homens*”, os personagens desse romance não medem esforços para valer-se da violência, acentuadamente do assassinato a tiro ou a paulada precisa na cabeça, para atingir determinado fim – dinheiro necessário à sobrevivência –, e dessa forma sua constituição está atrelada à falta de valores, à brutalidade e à violência, confirmando uma carência de valores desses sujeitos.

Na visão de Resende, “Ana Paula pega pesado na violência, na imundície, na podridão, do fétido, no perverso, no porco. Porque são porcos mesmo, os bichos, parte dos personagens que dividem o espaço narrativo com abatedores de porcos, trambiqueiros e prostitutas” (2008: 142). Essa petrificação do homem, a qual se ratifica no paralelo de personagens com porcos e cães, por exemplo, assinala uma visão sombria do homem na sociedade contemporânea, pois, no saldo de tantas vidas apresentadas nessa narrativa, o que resta é uma mesma configuração: um homem em patamar animalesco, brutal.

O tom sombrio acentua-se no desfecho trágico, uma vez que os personagens morrem ou continuam a ocupar os mesmos espaços periféricos, a exercer os mesmos ofícios, a serem posicionados em papéis em que ninguém gostaria de atuar. Essa perspectiva dá ênfase a invisibilidades, a ausências, a exclusões. Como explica Garbero (2015: 10), o espaço das negações é uma força-motriz para salientar a brutalidade da vida vivida pelos sujeitos da narrativa de Ana Paula Maia:

Sem casa, sem margem e em desabrigo, é das ausências de uma filiação de uma identidade capaz de legitimar ou integrá-los a uma comunidade de pertencimento que esses bastardos rumam sem destino. Ou melhor, rumam ao *daimón*, ao desfecho trágico que confirma o insustentável grifo aporético desses sujeitos. Como uma sonata de despedida, a inexorabilidade da bastardia se expressa como um alegre, e a violência e sua face atroz são o ponto final de uma história que não termina, não para, não freia.

Ao sinalizar essa leitura do mundo contemporâneo, sem caracterizá-lo como sendo especificamente brasileiro, Ana Paula Maia dá continuidade ao estilo predominante nas narrativas dos anos 90 e dos primórdios do século XXI, o qual é marcado pela “degradação em todos os sentidos: violência física e moral, esgarçamento de laços familiares e afetivos, desarmonia do tecido social, caos urbano, perda de identidade do indivíduo, niilismo, etc.” (PEREIRA: 03).

A novela “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos” em certo sentido apela para os mesmos enfoques temáticos que caracterizaram as narrativas antecessoras, o que, por outro lado, permite ao leitor mais atento pensar se, no diálogo que a literatura estabelece com a sociedade, haveria outra abordagem, nos tempos atuais, que não focalizasse em alguma medida questões como as apontadas por esses escritores desde os anos 1990. Seria verossímil apresentar personagens representativos desse contexto sem configurá-los como atuantes em prol de objetivos de riqueza financeira e não afetivos, não violentos, não interesseiros e até trambiqueiros? Parece que, optando por construir elos da ficção com a realidade, o texto literário, do ponto de vista temático, não teria tantas alternativas de superação de (antigas) abordagens. Essa também pode ser uma possibilidade de ver na novela de Ana Paula Maia uma leitura desses novos tempos que conservam velhos valores.

Nesse sentido, não se pode dizer que o texto da escritora apresente inovações quanto a novos debates, distintos aos que outros autores vêm propondo desde o final do século passado. Do ponto de vista temático, a narrativa de Ana Paula Maia não rompe com os paradigmas narrativos, visto priorizar um estilo de contar histórias que remete às composições lineares, tradicionais, embora recorra a narradores cambiantes, mas acentua a marginalidade vivida e o “mundo cão” que se consolida cada vez mais. Ao trazer esse “mundo cão”, salientando a brutalidade dos homens e da linguagem como algo que lhes é particular, aceito e não questionado, a novela apresenta seu maior mérito, que aponta para uma possibilidade de leitura social.

Para que essa leitura da sociedade seja proposta, alguns encaminhamentos estéticos são peculiares a essa representação. Um deles está atrelado à construção de um narrador em terceira pessoa, que não questiona, mas parece iniciar um diálogo com o leitor, convidando-o a compartilhar as cenas vividas pelos personagens. No entanto, a posição desse narrador não é a de condenar as atitudes e ações ilícitas dos personagens nem questionar a brutalidade e a violência, narradas como algo natural aos sujeitos do romance, numa postura que parece explicitar uma aceitação dessa condição humana que ele traz ao leitor. Ao combinar os enfoques temáticos e uma linguagem cuidadosa, a narrativa da escritora pode ser vista como crítica, mas sem ser apelativa e engajada, pois o que o leitor encontra não é um texto com narrador e personagens incomodados com o que narram e vivem respectivamente; pelo contrário, percebe nessas figuras uma legitimação de um mundo brutal, violento e marginal.

TRABALHOS CITADOS

- ARAGÃO, Maria Fernanda Garbero de. A sangue frio: a “justa-posição” da violência em Ana Paula Maia. In: *Congresso Internacional de Letras da UFRJ*, 2, 2013. Rio de Janeiro, set. 2013. Disponível em: <<https://www.metaeventos.net/userfiles/file/Simp%C3%B3sios%20CIFALE/Cifale-simposio-a%20literatura%20como%20lugar.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2014.
- BARBERENA, Ricardo Araújo. A trilogia do refugio humano: o imaginário abjeto de Ana Paula Maia. *La Littérature Brésilienne et Contemporaine*, Iberical, n. 12, p. 19-26, 2012.
- BELON, Antonio Rodrigues; FERREIRA, Bianca Estevam Veloso. Entre os segredos das leituras e a escrita pública. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 20, jul.-dez. 2012. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num20/>> Acesso em: 20 abr. 2014.
- FRIEDRICH, Helena; GOMES, Leny da Silva. O habitante das falhas subterrâneas, de Ana Paula Maia, e a sociedade hipermoderna. *Cenários*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 1-8, 2010. Disponível em: <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/cenarios/article/view/227/145>> Acesso em: 22 maio 2014.
- GARBERENA, Maria Fernanda. A brutalidade do lugar: os bastardos de Ana Paula Maia. *LL Journal : The Journal of the Students of the Ph.D. Program in Hispanic and Luso-Brazilian Literatures and Languages*, New York, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2015. Disponível em : <http://lljournal.commonscuny.edu/2015-1-garbero/>. Acesso em: 10 jan. 2016.
- GENS, Rosa. Ficção de autoria feminina contemporânea: indicações no Brasil. *ITABAIANA: GEPIADDE*, v. 13, jan.-jun. 2013.
- MAIA, Ana Paula. *A guerra dos bastardos*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- _____. *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*: duas novelas. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MORAIS, Mauro. “O que me interessa é quem abate o boi”. Entrevista com Ana Paula Maia. *Tribunal de Minas*, 10 out. 2013. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/cultura/o-que-me-interessa-e-quem-abate-o-boi-1.1359177>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

NOGUEIRA, Adelaine; MORAES, Cibele. Ocaso e trauma na arte: a literatura de Ana Paula Maia à beira do extraordinário. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ORBIS TERTIUS DE TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA. 8., 2012, La Plata. *Anais...*. La Plata: Orbis Tertius, 2012. Disponível em: <<http://citclot.fahce.unlp.edu.ar/viii-congreso>>. Acesso em: 15 maio 2014.

PEREIRA, Helena Bonito Couto. Narrativas brasileiras no século XXI – tradição e renovação. s.d. Disponível em: <http://www.brasa.org/Documents/BRASA_XI/Helena-Pereira.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2014.

PIETRANI, Anélia Montechiari. Fazer e dizer a literatura e a mulher. *Revista Graphos*, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 124-135, 2012.

_____. Um espaço (ainda) para o afeto, a utopia, a literatura. *Miscelânea*, Assis, v. 9, p. 116-128, jan./jul. 2011. Disponível em: www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/.../Artigo08-AneliaMontechiariPietrani.pdf. Acesso em: 15 jul. 2015.

RESENDE, Beatriz. *Expressões da literatura brasileira do século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Ana Paula Porto

Artigo recebido em 11/11/2016. Aprovado em 23/11/2016.